

Pensamento da América:
campo intelectual, ideias e dilemas de um suplemento cultural

Livia Lopes Neves
 Maria de Fátima Piazza¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância do suplemento *Pensamento da América* (1941-1948), do jornal *A Manhã*, especialmente no período que esteve sob a direção do escritor, poeta e diplomata Rui Ribeiro Couto, para a aproximação cultural entre o campo intelectual brasileiro e o dos países de língua espanhola. O suplemento visava a construir uma americanidade, ou seja, integrar as três Américas: a lusófona, a hispanófona e a anglófona, sem olvidar a indoamérica e a afroamérica. Esse periódico divulgou a produção cultural das Américas: literatura (poesia e prosa), artes visuais (pintura, escultura, arquitetura, fotografia) e divulgou ícones da política e da cultura do continente, além das teses que circulavam no mundo ibero-americano, como a cubanidade de Fernando Ortiz ou a “civilização” e “barbárie” de Sarmiento.

Palavras-chaves: produção cultural; pensamento americano; arte e política.

Abstract:

This article aims to demonstrate the importance of the supplement *Pensamento da America* (1941-1948), of *A Manhã* newspaper, mainly in the period it was under Rui Ribeiro Couto direction; a writer, poet and diplomat, concerning cultural rapprochement between the Brazilian intellectual's field and the Spanish-speaking countries. The supplement was intended to build a Americanism, i.e., to join the three Americas: the lusophone, anglophone and the hispanophone, without forgetting the indo and afro-America. This journal published the cultural production of the Americas: literature (poetry and prose), visual arts (painting, sculpture, architecture, photography) and posted icons of politics and culture of the continent. In addition to the thesis that

¹ Maria de Fátima Fontes Piazza é Doutora em História e professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolve pesquisas sobre História dos Intelectuais, com ênfase em estudos epistolográficos, periódicos culturais e artes visuais. Email: md.piazza@uol.com.br Livia Lopes Neves é mestrande e bolsista do CNPq no Programa de Pós-Graduação em História/UFSC, vinculada à linha de pesquisa Políticas da Escrita, da Imagem e da Memória e ao Laboratório de História e Arte. Email: livialneves@hotmail.com>

circulated in the Ibero-American world, as the Cuban identity of Fernando Ortiz or Sarmiento "civilization" and "barbarism".

Keywords: cultural production, American thoughts, art and politics.

Capa do Suplemento *Pensamento da América*.



Edição de agosto de 1943.
Coleção Plínio Doyle/FCRB.

(imagem ao lado do primeiro parágrafo. O suplemento *Pensamento da América* fez parte da proposta cultural do jornal *A Manhã*, órgão da imprensa estadonovista, dirigido pelo escritor paulista Cassiano Ricardo, o qual promoveu um diálogo entre as três Américas: a lusófona, a hispanófona e a anglófona, não olvidando da afroamérica e da indoamérica, sempre divulgando a vida cultural do continente: com a literatura (prosa e poesia), com as artes visuais (pintura, fotografia, gravura, escultura e arquitetura), com a história e com a política.

A divulgação do suplemento foi feita inicialmente na revista de variedades *Vamos Lêr!*, a qual integrava o grupo *A Noite*, que, no período do Estado Novo, passou às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. O título do artigo *O Suplemento Literário de "A Manhã" será um espelho da inteligência brasileira* dá uma ideia do escopo do periódico, com destaque para o campo intelectual e dedicado, especialmente, a “assuntos americanos e às nossas relações com as demais nações do continente, (...) a cargo de um dos mais ilustres nomes da diplomacia brasileira” (REDAÇÃO, 1941, s/p). O que esse suplemento visava era à “americanidade”, acompanhando assim a perspectiva política estadonovista de alinhamento à Política da Boa Vizinhança do governo de Franklin Delano Roosevelt, que propunha uma integração cultural para formar uma consciência americana, com a intenção de desfazer, dessa forma, o mito de:

que reinava nos países do Novo Mundo um certo separatismo de ordem moral e política; procurava-se opor a América inglesa à América espanhola, assim como esta ou aquela (ou ambas) à América portuguesa. A lição da hora presente é outra. Qualquer que seja a sua origem étnica e qualquer que seja a forma das instituições de cada povo – há uma unidade americana. Essa convicção não é só dos governos: é das multidões. (REDAÇÃO, 1942, p. 77)

Consagrando-se, dessa forma, à divulgação dos valores literários e artísticos dos demais países do continente, assinalava entre suas motivações o fato de que a convicção da necessidade de maior agregação continental não era apenas dos governos, mas também das “multidões”. Então, se existia essa consciência histórica e geográfica, haveria de existir o interesse pelas artes dos nossos países vizinhos, especialmente porque, conforme o primeiro editor da publicação, Rui Ribeiro Couto², seria através da literatura e da arte, que os povos se entenderiam melhor e melhor se amariam (REDAÇÃO, 1942), o que ilustra bem o objetivo da publicação, que contemplava a ideia de que a literatura, a arte e a cultura aproximariam as nações irmãs do continente.

Apesar do suplemento *Pensamento da America* (daqui em diante, SPA) do jornal *A Manhã* promover o ideal de que o separatismo entre as Américas era uma realidade do passado que cedeu lugar à “consciência de uma unidade americana”, é sabido que o Brasil, por muitos anos, voltou-se política e culturalmente para a Europa, tendo especialmente as correntes intelectuais e os movimentos artísticos uma afinidade com a cultura francesa e as linguagens artísticas que vinham daquele país, assunto que motivou discussões acadêmicas sobre a denegação da América Latina em solo nacional, como apontou Leandro Karnal:

(...) obras clássicas da cultura hispano-americana (...) foram solenemente ignoradas pelos intelectuais e pelo público em geral no Brasil. Tomemos como exemplo o *Facundo* do argentino Sarmiento, a obra poética de Sórora Juana Inés de la Cruz no México, romances indigenistas como *Grande e Estranho é o Mundo* (do peruano Ciro Alegria) e o relato impressionista de *Eu, o supremo*, do paraguaio Roa Bastos. (KARNAL, 2000, p. 96)

² Rui Ribeiro Couto (Santos, 1898 – Paris, 1963), poeta e prosador que esteve entre os responsáveis pela transição entre o simbolismo e o modernismo, apesar da forte identificação com o simbolismo do *fin-de-siècle*, por aspectos como a melancolia e de certa visão trágica do mundo. Considerado por Manuel Bandeira um “farejador de novidades literárias”, foi eleito para a ABL em 1934 e, com 36 anos de idade, tornou-se o mais jovem acadêmico da época. Iniciou sua carreira como colaborador no periodismo santista, em jornais como *Cidade de Santos* e *A Tribuna*, tendo escrito posteriormente em jornais de grande circulação, como *Correio da Manhã*, *A Manhã* e *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro e o *Diário de Notícias* de Lisboa. Seguiu carreira diplomática, servindo o Brasil em Lisboa, Holanda, Suíça, Iugoslávia etc., tendo se aposentado aos 65 anos por limite de idade na carreira diplomática. Participou do grupo *Fon-Fon* e como colaborador eventual em *Festa*. Apesar de Alfredo Bosi apontá-lo como um poeta menor do modernismo (BOSI, 1976), seu epistolário revelou uma extensa rede de sociabilidade intelectual e apontou para um escritor entrosado com as discussões estéticas de sua época e atuante no que tange às movimentações artísticas e políticas. Cf. MARIZ, 1998, GOMES, 1999 e LINS, 1997.

O autor é enfático ao demonstrar o pouco interesse do Brasil em relação aos demais países latino-americanos. De fato, as obras citadas não eram de conhecimento do grande público, porém, o *Pensamento da America* inaugurou um tipo de publicação que facilitou o acesso aos clássicos da literatura americana, que foram veiculados pela imprensa brasileira de grande circulação. Entretanto, até a década de 1920 eram tímidas as posições das correntes intelectuais brasileiras em relação aos movimentos artísticos dos países do próprio continente, com destaque para os de língua espanhola. A partir daí, alguns periódicos como *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1921-1924), *América Latina: Revista de Arte e Pensamento* (1919-1920), *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento* (1924-1925), entre outros, começaram a travar um diálogo cultural e a construir um projeto ibero ou latinoamericanista.

É sobre o papel do SPA na construção de um diálogo cultural entre a América hispânica e o campo cultural brasileiro, especialmente no período que esteve sob a direção do escritor e diplomata Ribeiro Couto, que versará este artigo. A presente proposta toma a publicação como uma importante ferramenta de divulgação da produção cultural das Américas e dos ícones da política e da cultura do continente, como Martí, Bolívar, Montalvo, Bello, Sarmiento, Rodó, Euclides da Cunha, entre outros. O SPA era um grande expositor das teses que circulavam no mundo ibero-americano, como a cubanidade de Fernando Ortiz ou a “civilização” e “barbárie” de Sarmiento, o que nos permite vislumbrar o suplemento como um lugar privilegiado para a análise do movimento das ideias (SIRINELLI, 1996).

No caso em estudo, as fronteiras são simbólicas e estão ligadas ao campo intelectual, especialmente identificando manifestações culturais como a música; a literatura, incluindo vários gêneros, poesia, conto, crônica, romance, ensaio, resenha, história e sociologia; e as artes visuais, abarcando pintura, escultura, fotografia, gravura e arquitetura. Daí a importância do conceito de campo intelectual proposto por Pierre Bourdieu, que se apresenta como de grande operacionalidade para o estudo da circulação cultural. As articulações desses campos de poder simbólico, ao atravessarem fronteiras, aproximam grupos criando um recorte espaço-temporal próprio, configurando um *continuum* de forças. O campo define as linhas de força de sua maneira de ser e, como um Estado, estabelece critérios para o exercício do poder

simbólico, estabelecendo paradigmas para o exercício crítico (BOURDIEU, 1996; ABDALLA, 2003, p. 24-25).

O projeto editorial estadonovista e a monumentalização dos clássicos

O editorial do número inaugural do suplemento, que começou a circular em 9 de julho de 1941, em formato *standard*, continha muito da personalidade do seu editor, o poeta, escritor e diplomata Rui Ribeiro Couto, que, quando designado para cumprir missão diplomática na Europa, foi substituído pelo escritor, funcionário do Ministério das Relações Exteriores e folclorista Renato Almeida³. No cenário cultural ibero-americano, o papel de Ribeiro Couto foi vital para o desenvolvimento da linha editorial do *Pensamento da América* e pode sugerir a motivação de sua escolha para o cargo de diretor da publicação.

O suplemento trouxe às suas páginas o que de melhor se produzira na América, de acordo com as escolhas de seus editores. O amplo conhecimento de Ribeiro Couto e o seu envolvimento com o campo intelectual americano como integrante de uma rede de sociabilidade intelectual extensa e integrada, tanto no âmbito nacional como internacional,⁴ pode ser apontado como fator decisivo para a indicação de seu nome para o cargo, fato influenciado também pelas afinidades eletivas, tanto as intelectuais, como as de ordem político-ideológicas. Sua posição de destaque no cenário cultural brasileiro, inclusive integrando os quadros da Academia Brasileira de Letras (ABL), e o

³ Um crítico afirmou, de forma discutível, que “com sua [Ribeiro Couto] partida para Portugal, [o SPA] ficou sob responsabilidade de Renato Almeida, perdendo muito de seu brilhantismo literário” (TEIXEIRA, 1982, p. 315). Na atualidade, Renato Almeida é reconhecido apenas como uma liderança do movimento folclorista nacional, e sua obra se encontra esparsa em periódicos em que colaborou, dirigiu ou editou, com destaque para *Movimento Brasileiro* e o *SPA*. Existe em suas obras a forte marca de um projeto para o Brasil, que encontrava ressonância na sociedade de seu tempo e apontava para aspectos deficitários da realidade brasileira. A defesa do caráter nacional, do abandono da “servidão lusitana e da sujeição estrangeira” (BOAVENTURA, 1978, p. 26), de um projeto que não se encerrasse no campo das artes e da literatura – posição muito próxima à de Graça Aranha em relação à ideia de que o movimento modernista deveria ser encarado como contingência de um país novo. Renato Almeida mostrou na *História da Música Brasileira* (1926) que era um incentivador dos estudos musicais e um defensor de uma arte moderna (que, segundo ele, não era uma alucinação de homens desvairados, nem o desejo do sucesso extravagante), que refletisse os anseios e aflições de seu tempo e o caráter nacional, afastando-se do “perigo” dos estrangeirismos e das aplicações impensadas e rápidas dos moldes estrangeiros. A obra diz não apenas sobre sua concepção musical, mas também sobre sua concepção artística, política e social, de um projeto comungado, ainda que não restritamente, por uma geração que leu Alberto Torres, Graça Aranha e Paulo Prado.

⁴ O que pode ser aferido através da pesquisa em seu arquivo, especialmente no conjunto epistolar. Entre os missivistas estavam figuras exponenciais, como Alfonso Reyes, Alfonsina Storni, Jules Supervielle, Ildefonso Pereda-Valdéz, Nicolás Olivari, Ventura García Calderón, entre muitos outros.

prestígio advindo de seu cargo no Itamaraty são sinais de que o autor possuía capital social e cultural para empreender projetos literários e editoriais de grande envergadura, como o SPA.

Convém ressaltar que, Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto sempre cultivaram relações de amizade – as “políticas de amizade” de que fala Giorgio Agamben –, mesmo após décadas de convivência no *A Manhã*. Essa relação entre o editor do jornal e o escolhido para dirigir o suplemento panamericano pode ser aquilatada através da leitura de *Marcha para Oeste* (1940), no qual, a partir da segunda edição, Cassiano Ricardo transcreveu “um pequeno trecho do seu magnífico poema *Noroeste*”⁵ (RICARDO, 1970, p. 556; LINS, 1997, p. 14). Discutindo o “homem cordial”, Ricardo evidenciou a importância de colocar “em realce a sua aguda observação sobre a cordialidade como traço específico da nossa cultura”⁶. Da mesma forma, Ribeiro Couto incluiu Cassiano Ricardo na *Antologia dos Novos Escritores Brasileiros*.

A defesa da existência de uma unidade americana em torno de um tipo ideal – o homem cordial – esboça também o interesse de Ribeiro Couto pela proposta editorial do suplemento em questão, que enfatizou a origem natural dos ideais panamericanos e esboçou forte oposição entre o americano e o europeu. Em carta ao escritor mexicano Alfonso Reyes, Couto descreveu o que seria esse homem cordial:

O verdadeiro americanismo repele a ideia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o “sentido americano (latino), a raça nova, produto de uma cultura e de uma intuição virgem, o Homem Cordial. Nossa America, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das

⁵ O trecho do poema *Noroeste*, de Ribeiro Couto se refere aos bandeirantes de torna-viagem: “És S. Paulo que caminha, ó Noroeste,/S. Paulo expansionista e conquistador,/S. Paulo de todas as indústrias humanas,/que a geografia mandou parar na barranca do Rio Paraná”. In: RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. v. II, p. 556. A inclusão desse poema está na feição modernista, que exalta o nacional, o café e os signos dos novos tempos, se constrói justapondo uma paisagem nacional primitiva a um novo cotidiano, numa colagem que privilegia o objetivo e o concreto. (LINS, 1997, p. 14)

⁶ Carta de Cassiano Ricardo para Rui Ribeiro Couto, S. L., 05 jan. 1960. ARC/AMLB/FCRB. No ensaio *O homem cordial* de Sérgio Buarque de Holanda, que está em *Raízes do Brasil* (1936), o autor faz referência à Ribeiro Couto, que publicou *El hombre cordial*, no periódico mexicano Monterrey: *Correo Literario de Alfonso Reyes*.

mulheres primitivas e em toda a vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. (COUTO, 1931, p. 1)

Tal tese foi difundida e ganhou notoriedade no Brasil e no exterior, tendo alcançado um enorme sucesso com a publicação de *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda, que integrou seu ensaio ao livro. A autoria dessa interpretação é identificada, equivocadamente, com o historiador paulista e não com Ribeiro Couto. No período em que representou o México no Brasil, Alfonso Reyes, numa das suas epístolas, fez referência ao escritor santista, chamando-o de “maestro da cortesia varonil” (REYES, 1932, p. 1). Atribuindo semelhante elogio, muitas décadas depois, Cassiano Ricardo, também em carta, procurava saber de notícias de Ribeiro Couto e perguntou: “Como encontrou, no Brasil, a nossa Academia? E qual a sua visão do Brasil, ó homem cordial, depois de tantos anos de ausência?” (RICARDO, 1953, p. 2).

O próprio Sérgio Buarque de Holanda reconheceu a contribuição de Ribeiro Couto com essa tese, quando dissera:

teve uma fórmula feliz, quando disse que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas pelos estrangeiros que nos visitavam, formam um aspecto bem definido do caráter nacional. Seria engano supor que, no caso brasileiro, essas formas possam significar “boas maneiras”, civilidade. (HOLANDA, 1987, p. 32)

Essa interpretação do Brasil provocou muitas polêmicas, tendo a tese da cordialidade no caráter nacional se consagrado com o ensaio de Sérgio Buarque de Holanda, passando a dividir com a “democracia racial” de Gilberto Freyre um dos ícones do pensamento social brasileiro.

Além dessas credenciais de Ribeiro Couto, as correspondências entre ele e Cassiano Ricardo, redigidas entre 1951 e 1963, portanto, posterior à convivência diuturna no *A Manhã*, corroboram a tese de que as escolhas no campo intelectual brasileiro para dirigir projetos artísticos, políticos e editoriais estão vinculadas às “políticas de amizade” e às redes de sociabilidade que seguem uma característica marcante da cultura brasileira. A sociedade brasileira é calcada num “personalismo exagerado”, segundo apontou Sérgio Buarque de Holanda, o que coloca em evidência que as relações pessoais funcionavam como capital simbólico para a escolha de

editores, artistas gráficos e plásticos e escritores para integrarem projetos na área cultural e política.

A partir da leitura das missivas, podemos constatar, da mesma forma, que na sucessão de Ribeiro Couto no SPA, também prevaleceu a afinidade intelectual e afetiva. Isso pode ser percebido numa carta de Renato Almeida, sem data, endereçada ao primeiro, em papel timbrado do jornal *A Manhã*, que denuncia o período, na qual lemos que:

Deste cantinho da MANHÃ, onde você me botou, é que lhe mando um grande e apertado abraço de despedida, com os votos mais sinceros de boa missão nas terras lusitanas. Prossiga com todo fulgor a sua carreira. (ALMEIDA, s/d. grifo do autor)

A correspondência entre Renato Almeida e Ribeiro Couto, que, pelos registros epistolares, teve início em 1928, é numerosa e apresenta diversos assuntos, especialmente os de cunho literário e estético. O mesmo acontece quando se trata de missivas entre o editor do jornal *A Manhã* e o poeta Ribeiro Couto: entre os assuntos preponderantes estão os literários, como as publicações de crônicas e poesias, as disputas na Academia Brasileira de Letras (ABL) e as impressões sobre o Brasil. A partir do estudo desse conjunto epistolar, torna-se evidente que o que os unia era um forte “sentimento de brasilidade”, que representava um aspecto incontestado de identificação numa publicação estadonovista, somado à aproximação de suas opiniões políticas na inclinação por um governo forte, especialmente pelo apoio ao Estado Novo.

O *Pensamento da América*, como outros periódicos estadonovistas, procurou envolver no seu projeto editorial significativo número de escritores brasileiros, com destaque para Ribeiro Couto, Renato Almeida, Manuel Bandeira e Cecília Meireles. No caso em estudo, coube ao editor escolher nomes representativos da literatura dos países do continente, o que pode ser creditado à personalidade do poeta de *Jardim das Confidências*, profundo conhecedor da literatura hispano-americana, e permite apreciar a importância da publicação no campo intelectual dos países vizinhos. O suplemento, no entanto, não parece ter representado o papel de aglutinador entre os intelectuais da região, como também não parece ter se constituído num “lugar identitário da consciência americana”, tal como ocorreu com *Repertório Americano*, revista publicada

entre os anos de 1919 e 1958 sob orientação do costarrriquenho Joaquín García Monge (MEDINA, 2010, p. 23).

O mérito do suplemento, a princípio, parece ter sido o de resgatar ícones, teorias e correntes de pensamento para monumentalizá-los, e não o de apresentar novidades literárias e artísticas que se transformariam em cânones. Com exceção da novela do escritor peruano Ciro Alegria, *El mundo es ancho y ajeno* (1941), o que prevaleceu foi a contribuição para a divulgação de obras literárias e artísticas que eram canônicas e ajudaram na popularização dessas imagens, estendendo-a para um público mais amplo. Por exemplo, prevaleceu uma política da imagem de cenas *costumbristas*, como do uruguaio Pedro Figari, do mexicano Diego Rivera⁷ e do argentino Cesáreo Bernaldo de Quirós. Já a política da escrita foi pautada em autores, livros e teses sobejamente difundidas e discutidas no continente, como a da “civilização ou barbárie” de Sarmiento.

O que o SPA vislumbrava era formar uma comunidade de leitores/leitoras que passassem a conhecer a produção literária das três Américas, mesmo que algumas concepções políticas dos escritores ou poetas fossem contrárias a aspectos centrais do Estado Novo, como evidenciou Luiza Franco Moreira:

Num dos primeiros números do suplemento Pensamento da América, encontramos um soneto de César Vallejo [1892-1938], “Idílio Morto”, [“Idilio Muerto”, de Los heraldos negros] traduzido por Reynaldo Valverde. A nota introdutória, que é muito elogiosa, não chega a mencionar os dez anos ou mais de militância do autor no Partido Comunista, nem seu apoio incansável às forças republicanas durante a Guerra Civil Espanhola. Mesmo assim, é surpreendente que um jornal de propaganda varguista tenha dedicado espaço a um escritor com tal perfil político. (MOREIRA, 2001, p. 147-148)⁸

Certamente, por estar vinculado a um jornal porta-voz do Estado Novo, o suplemento não publicaria os poemas contidos em *España, aparta de mi este cáliz*, que está enfeixado em *Poemas Humanos* (1939), de um poeta peruano dessa magnitude, com uma trajetória de engajamento político, que fez uma ode à Espanha, à causa republicana espanhola, aos seus milicianos e à justiça social. Essa poética engajada de

⁷ Trata-se aqui da obra de Rivera que aparece no SPA: *Vendedores de Alcatrazes*.

⁸ O poema *Idílio Morto* de César Vallejo foi publicado em duas edições do *Pensamento da América*, na de 22 de janeiro de 1942, com tradução de Reynaldo Valverde, e na de 22 de março de 1942, com tradução de Ribeiro Couto. As duas traduções são idênticas.

Vallejo se aproxima muito da do russo Maiakovski e jamais seria publicada. A identificação do editor com o poema *Idilio Muerto* está na fatura modernista, com forte persistência do simbolismo caudatário de Samain e Maeterlinck e com influência de Rubén Darío e de Julio Herrera y Reissig. No Brasil, muitos simbolistas sofreram influência desses europeus, especialmente de Darío, que foi um renovador da linguagem na poesia hispanoamericana e o introdutor do modernismo (FERRARI, 1989, p. 9-55)⁹.

O *Pensamento da América*, como o próprio nome indica, deu ênfase às teses de autores consagrados que circulavam no continente, como *Parábola do gaúcho*, do escritor e poeta uruguaio Fernán Silva Valdéz (1887-1975), *O gaúcho*, do sociólogo argentino Carlos Octavio Bunge (1875-1918), *A cubanidade e os negros*, do etnólogo cubano Fernando Ortiz (1881-1969). Entretanto, eram extemporâneas ao debate da década de 1940, com exceção da ênfase dada à visita do escritor estadunidense Waldo Frank (1889-1967) ao Brasil e a sua personalidade de intelectual *outsider* ou de um “americano intranquilo”. Frank encantou a intelectualidade brasileira e argentina, com destaque para Victória Ocampo e Vinicius de Moraes, com a sua identificação com a América Latina. Convém ressaltar que esse escritor estadunidense veio a convite do *bureau* do OCIAA, no bojo da política da Boa Vizinhança, e conhecia muito bem as mazelas das sociedades do continente, representando o oposto do estadunidense tradicional. Inclusive era comunista, amigo de Chaplin e Hemingway, e seu pensamento era tributário do clássico *Desobediência Civil* de Henry Thoreau, admirador do mito de Melville (autor de *Moby Dick*), tendo sua obra acentos de *Leaves of Grass* de Walt Whitman (TOTA, 2000; NOVAES, 2006; SILVA, 2004).

O poeta, romancista e folclorista Fernán Silva Valdés, conhecido internacionalmente pela sua participação no processo de renovação da literatura uruguaia na década de 1920, com o que se convencionou chamar de “nativismo literário” ou “um lirismo criollo” (JOZEF, 2005, p. 138), foi um escritor prolífico, autor de obras que trataram das culturas do povo, de letras de tango e de teatro. Compareceu no suplemento com *Parábola do gaúcho*, com tradução e notas de Acácio França, no qual se aproximou das culturas do povo e da tradição oral, a partir do dito popular “é

⁹ Nestor Victor, que foi figura de proa do simbolismo no Brasil, quando da publicação de *Poemas e Sonetos* (1919) de Ronald de Carvalho, fez uma crítica acerba à influência de Samain e Maeterlinck – “os melancólicos” – nessa obra. Cf. VICTOR, Nestor. Os *Poemas e Sonetos* de Ronald de Carvalho. In: *América Latina: Revista de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, t. 1, n. 2, p. 139-147, set. 1919.

um animal que não tem fim”, como se referiam no campo quando exaltavam as virtudes de um cavalo. Ou seja, “cavalo sem fim” quer dizer um animal de muita resistência para as marchas e os trabalhos. Daí a evocação da figura mitológica do gaúcho, que foi substituído pelo paisano ou homem do campo, descrito por Silva Valdés, no seu traje lendário e acompanhado do seu cavalo, com feitos singulares e varonis. Nessa ode ao gaúcho ou a uma determinada representação do gaúcho, não faltou referência à obra símbolo *Martín Fierro* (1872-1879), de José Hernández, e ao Monumento ao Gaúcho inaugurado em Montevideu, em 1926, de autoria do escultor José Luís Zorrilla de San Martín (1891-1975).

O ponto central da argumentação de Silva Valdés está na origem do gaúcho como tipo social. Numa alusão ao monumento acima citado, mostrou o escritor que o tipo de gaúcho que a estátua representava era motivo de muita discussão, concluindo que, depois de várias pesquisas, inclusive entrevistando “paisanos”, “traduzia-se dela que o ser gaúcho era uma condição essencial sem nada que ver com o tipo físico [incluindo aí, as origens raciais]” (SILVA VALDÉS, 1945, p. 26)

O sociólogo e educador argentino Carlos Octávio Bunge descreveu o gaúcho como “filho do pampa”, numa visão determinista da história, aí ressaltando o meio físico, com uma descrição pormenorizada da paisagem. Convém ressaltar que Bunge tinha escrito *Nuestra América – Ensayo de psicología social* (1903), que é a única obra de tema continental que a cultura positivista argentina produziu, e reflete uma mistura de naturalismo com psicologismo. Nessa obra, a vida política de um povo é fruto da sua psicologia, e essa psicologia coletiva é efeito da raça e dos fatores do ambiente físico e econômico; daí a explicação para os efeitos que a mestiçagem havia produzido no tipo hispano-americano, cujos traços atribuídos são a preguiça, a tristeza e a arrogância. Esses atributos haviam engendrado um caráter racial inverso ao europeu, e esse caráter dos hispano-americanos constituía a explicação da “política criolla” (ALTAMIRANO, 2006, p. 151-156).

O artigo de Bunge, apresentado no *Pensamento da América*, tem muito das análises desenvolvidas no início do século XX, tal como apresentada pela nota da redação que alerta para a excelente tradução de Maurício Wellisch e para o fato de o sociólogo argentino:

Além de estudar, com a profunda análise psicológica, o tipo do gaúcho, de tão acusados relevos na evolução demográfica dos campos platinos, o escritor evoca poderosamente o meio físico em que o gaúcho exerceu as suas atividades heróicas [...] podemos comparar essa página à do nosso Euclides da Cunha, quando nos “Sertões” evoca o sertanejo. (BUNGE, 1942, p. 61)

Bunge, ao contrário de Silva Valdés, apontou sua análise para o papel do gaúcho na organização social e política platina, incluindo aí a questão do direito, como o consuetudinário (inerente aos costumes), o desconhecimento da propriedade privada da terra (só reconhecia a da habitação, da chácara, da horta e do gado doméstico), a discussão sobre os bens móveis, identificando a propriedade com a posse (daí a expressão “coisa achada”), o desconhecimento da sucessão testamentária e o reconhecimento do direito hereditário, enquanto o direito processual e penal confundiam-se com a vingança. O sociólogo argentino chamou a atenção também para o “ser gaúcho” (forte, hábil, varonil), visto como símbolo pela literatura. Além disso, atentou para o processo de modernização (associado à ideia de progresso) que substituiu a tradição e modificou os costumes, porque ele “vivia com a admirável simplicidade dos homens primitivos: era sóbrio e hospitaleiro como os pastores das éclogas”. (BUNGE, 1942, p. 61)

Apesar de serem de gerações diferentes e com perspectivas de análise divergentes, Bunge e Silva Valdés lançaram um olhar etnográfico sobre o gaúcho que ia ao encontro das culturas do povo calcadas na oralidade, daí recorrerem aos ditos populares sobre o gaúcho e o encararem como um rapsodo (trovador ou repentista).

O Pensamento da América seguiu uma tradição dos estudos ibero-americanos, de mitificação de tipos sociais, como o gaúcho e o sertanejo, entre outros, com destaque para os artigos *O pampa e sua maior expressão literária: Benito Lynch*, da escritora brasileira Lídia Besouchet, *Gaúchos e lhaneiros*, do escritor espanhol José María Salaverría e *Função social do cavalo no pampa*, do sociólogo brasileiro Oliveira Vianna. Na sequência dessa tradição, dois livros clássicos aparecem com destaque: *Facundo*, de Domingo Faustino Sarmiento, e *Os sertões*, de Euclides da Cunha, os quais mostram a dicotomia civilização *versus* barbárie ou campo *versus* cidade. Daí a importância que o suplemento deu à versão para o inglês de *Os sertões*, que marca presença na publicação sob o título *Rebellion in the Backlands*, feita por Samuel

Putnam¹⁰, sob os auspícios da Universidade de Chicago e do OCIAA. Tal divulgação se deve não só à magnitude da obra-prima de Euclides da Cunha, como também à oportunidade de divulgação da cultura brasileira na América anglófona, através da atuação da Política da Boa Vizinhança do governo Roosevelt.

O suplemento corroborou com o processo de monumentalização (LE GOFF, 1984)¹¹ ou panteonização de autores e livros que compunham manuais, antologias ou compêndios de literatura latino-americana, que circulavam no Brasil na década de 1940, desde *Facundo* (1845), de Domingo Faustino Sarmiento, a *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, além de significativas referências a outro ícone da literatura argentina: *Martin Fierro* de José Hernández, passando por líderes políticos e escritores, como Simón Bolívar, Juan Montalvo, Andrés Bello, José Martí, Mariano Moreno, Rufino Blanco-Fombona, John Dos Passos, Ernest Hemingway, William Faulkner, Walt Whitman, Mark Twain, Alfonso Reyes, Gabriela Mistral, entre outros.

O motivo da escolha de *Facundo* como um livro “clássico” da literatura latino-americana, que deveria constar de um suplemento cultural de um jornal estadonovista, encontra-se na análise de Francisco Foot Hardman:

A recepção do *Facundo* no Brasil, por outro lado, possui uma história antiga, mas descontínua, e quase sempre ligada à obra de Euclides da Cunha. Entre meados dos anos 1920 e 1970, saiu na grande imprensa ou em periódicos literários especializados cerca de uma dezena de artigos sobre as afinidades entre as obras primas de Sarmiento e Euclides, a maior parte concentrada nos anos 1930-40, e marcada pelo perfil nacionalista autoritário da era Vargas e do Estado Novo, na esteira da primeira tradução de *Facundo* por Carlos Maul [São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1923], futuro militante do integralismo. (HARDMAN, 2010, p. 473)

A importância de *Os sertões* para o projeto literário estadonovista está relacionada à “literatura como espelho da nação”, segundo apontou Mônica Pimenta Velloso (1988). Euclides da Cunha e a sua obra-prima foram apropriados devido ao caráter documental de *Os sertões*. Entre os intelectuais brasileiros, “a região sempre se

¹⁰ O estadunidense Samuel Putnam (1892-1950), tradutor e editor, escrevia regularmente na imprensa da Universidade de Harvard e no *Handbook of Latin American Studies*, sobre a literatura ibero-americana. No bojo da política da Boa Vizinhança e da atuação do OCIAA, traduziu importantes livros de autores brasileiros, como *Casa grande & senzala* de Gilberto Freyre, *Iracema* de José de Alencar e *Os sertões* de Euclides da Cunha. A convite de Cordell Hull, participou como representante dos Estados Unidos da Conferência Interamericana em matéria de publicações e bibliotecas.

¹¹ Aqui, documento/monumento se estriba no verbete de Jacques Le Goff, no qual o conhecimento do passado, a história, não teria sido possível se o passado não tivesse deixado rastros, como traços, monumentos, que são suportes da memória coletiva (LE GOFF, 1984).

constituiu em referencial obrigatório para se pensar a nação”, por isso a importância que o jornal *A Manhã* e seus suplementos culturais imprimiram “no compromisso que se estabeleceu existir entre a criação literária e a nação” (VELLOSO, 1988, p. 239-263). Daí, a identificação dos editorialistas com obras que imprimem um caráter realista, mais do que com obras ficcionais.

No afã de imprimir um caráter didático-pedagógico ao suplemento, na apresentação dos conteúdos, com textos introdutórios e traduções, o objetivo era dar visibilidade a obras canônicas, como *Os sertões* e *Facundo*, que eram fundamentais para a interpretação do Brasil e da Argentina e capazes de projetar os leitores “de volta às imagens do fantasma de nossas identidades nacionais estilhaçadas” (HARDMAN, 2010, p. 464).

Na seleção que os editores do *Pensamento da America* fizeram dessas obras-primas não se pode destacar somente o que vislumbrava o projeto político estadonovista, com os espectros nacionalistas, a narrativa literária e a chave romântica da história. Na visão de um abalizado analista:

Essa a nossa história, repleta de sombras e ruínas precoces; nela, *Facundo* é nosso fantasma exemplar, o melhor guia à viagem a esse vale deserto de tantos heróis e povos anônimos desaparecidos. Essa é a história de histórias trágicas, que nem se deixam narrar, de guerras esquecidas que, para imaginá-las melhor, teríamos que escrever outro livro, que soaria estética e historicamente falso, e certamente piores seriam tanto a história quanto o livro. Paradoxo semelhante ao que a cultura brasileira conheceu a partir de *Os sertões*. São narrativas que funcionam como “lugares de memória” de processos históricos violentos na imposição do modelo civilizatório capitalista e da constituição dos Estados nacionais modernos. Com elas, no hibridismo desse gênero romântico que mistura ensaio, discurso político, biografia e autobiografia, dramaturgia, ficção romanesca, crônica jornalística, relatos de guerra e de viagem, dissertação científica, estatística, é claro que se falseiam e se omitem atores, movimentos, conflitos, na igual proporção em que se monumentalizam tramas e personagens. (HARDMAN, 2010, p. 464-465)

Outro artigo de destaque é do antropólogo, ensaísta, etno-musicólogo e especialista da cultura afro-cubana Fernando Ortiz (1881-1969), que aparece sob o título *A cubanidade e os negros*, que compõe com as poesias *Changô* de Jorge de Lima, com *Sensemaia* de Nicolas Guillén, com *Banzo* de Luís da Câmara Cascudo, com *Toada de negros em Cuba* de Federico García Lorca e com o cancionero afro-montevideano recolhido por Ildefonso Pereda Valdez, uma vertente do suplemento que tinha como objetivo divulgar a cultura afro-americana. Esse artigo de Ortiz se diferencia da

interpretação das suas obras mais conhecidas, como *A criminalidade dos negros em Cuba* (1905), publicada em Turim (Itália), que integra os Arquivos de Psiquiatria, Medicina Legal e Antropologia Criminal e *Hampa afro-cubana – Los negros brujos*, (1917), com prefácio de Cesare Lombroso, as quais compõem a primeira etapa da carreira de Ortiz como criminologista, tendência desenvolvida no Brasil com os estudos de Nina Rodrigues sobre os negros, ambos influenciados por uma perspectiva evolucionista.

Em *A cubanidade e os negros*, Ortiz mostrou que Cuba “é um crisol de elementos humanos”, daí explicou que o país “é um *ajiaco*” – é o guizado mais típico e mais completo, feito de várias espécies de legumes, que no Brasil chamamos “viandas”, e de pedaços de carnes diversas; tudo é cozido com água fervente, até se produzir um caldo muito grosso e suculento e se dá o ponto com o cubaníssimo *ají*, que lhe empresta o nome. A imagem do “*ajiaco criollo*” simboliza a formação do povo cubano, desde os ameríndios, os negros d’África, os castelhanos conquistadores até os imigrantes braçais (de Macau, Cantão, entre outros). A cubanidade advém da pluralidade cultural, o autor adverte que está ligada à mestiçagem racial e cultural. Discorda da tese da “raça cósmica” – que terá no mexicano José Vasconcellos o seu arauto –, e desfralda a bandeira de que a cubanidade é fruto do pensamento mestiço ou *criollo*, vislumbrando uma futura “desracialização da humanidade” (ORTIZ, 1942, p. 158). José Vasconcellos tem espaço no SPA, assim como Ronald de Carvalho, o que demonstra que a publicação estava pouco preocupada com uma definição fechada ou padronizada do que seria o “americano”, cedendo espaço para o diálogo entre abordagens díspares, o que permite uma pluralidade de interpretações sobre o continente.

O suplemento também participou ativamente da divulgação da obra do diplomata, poeta e escritor Ronald de Carvalho (1893-1935), que compareceu com a obra modernista, que acentuava o caráter americano e a inserção da cultura americana na história universal. Essa fase de Ronald de Carvalho foi influenciada pela sua estada no México, onde proferiu conferências¹² que resultaram em *Toda América* (1926), obra que foi amplamente publicizada pelo *Pensamento da América*.

¹² Uma conferência proferida na Universidade do México, sob o título *A psyché brasileira*, que está publicada em outros periódicos, como *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (nº 20, ago. 1923) e *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento* (v. 2, nº 5, mai. 1924), mostra que Ronald de Carvalho é tributário da tese de Martius sobre as três raças formadoras da nacionalidade, e que a feição

O autor de *Toda América* começou sua pregação indoamericana em *Bases da nacionalidade brasileira* (CARVALHO, 1981, p. 36-37), no qual conclamou às novas gerações para “o fecundo trabalho de aproximação entre os povos latino-americanos”. E, completou o seu raciocínio:

Não tenhamos receio de que nos taxem de bárbaros. Amemos a nossa barbaria, da qual os europeus não podem prescindir. Deixemos em paz os mármorees da Acrópole e as torres das catedrais góticas. Nós somos os filhos das serranias e das florestas, e, se quisermos criar uma civilização, arranquemos, desde já, as máscaras postiças que encobrem as nossas verdadeiras fisionomias. O nosso dever é destruir o preconceito europeu, o pior, o mais nocivo de todos os nossos males. Demos à história dos povos americanos o lugar de eminência que, em nossas cogitações, ocupa a das nações de outros continentes. Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano. Temos o prejuízo das fórmulas, dos postulados e das regras que não se adaptam ao nosso temperamento. O nosso dever é combater todos esses desvios, completando com o pensamento, a obra da nossa independência política. O nosso dever é erguer, dentro da nossa comunhão, na generosidade e no esplendor da beleza e da força, a civilização latino-americana, gerada em nossa carne e fruto do nosso sangue. (CARVALHO, 1981, p. 37)

A viagem ao México que marcara indelevelmente a obra do poeta carioca aparece no suplemento com a publicação da conferência pronunciada no Rio de Janeiro, no salão da Liga de Defesa Nacional, sob os auspícios do Centro Universitário Cuauhtemóc, em 10 de dezembro de 1929, com o título *Imagens do México* (CARVALHO, 1930), composto com desenhos de Rivera que serviram para ilustrar a versão espanhola do livro de Carleton Beals, sob o título *Panorama mexicano*, publicado pela editora chilena Zig-Zag, com fotografias de monumentos arquitetônicos e ruínas arqueológicas. Essa conferência foi dividida em *A lição do deserto*, *O México e a revolução*, *O exemplo de Obregón*, *O gênio criador do mexicano*, *A festa de Tonalá e Talavera de Puebla* e teceu elogios à Revolução, ao governo de Álvaro Obregón, ao ministro da educação José Vasconcelos e à rica cultura mexicana. Carvalho não olvidou a sua tese da “melancolia” dos povos americanos, acrescentando essa característica ao mexicano:

nacional brasileira é formada pela “energia portuguesa”, a “imaginação selvagem” e a “sensibilidade africana”. O autor buscou o romantismo, as lendas e as tradições populares, para provar que “ herdamos uma voz melancólica”, aí se aproximando de Paulo Prado em *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928) e de José Vasconcellos em *Raza Cósmica* (1925).

[...] se desforra da melancolia, vestindo-se de luz. Seu misticismo, como o dos velhos povos orientais, é solar. Sente-se, nesse pendor do índio, como ele está perto dos elementos cósmicos, das “popoteras” inflamáveis, da monotonia dos planaltos. Sua melancolia provém do irrefreável sentimento da liberdade que não pode atingir-se, daquele sentimento a que o homem chega somente pelo mais alto misticismo estético ou religioso, ou pela maior amplitude de ação. Eis porque o mexicano possui o instinto do guerreiro, do santo e do artista. É Cuahémoc, Inés de la Cruz ou Diego Rivera. Sua alma é uma perene fuga para essa realidade transcendente, em que o ser se confunde com o Universo. (CARVALHO, 1981, p. 37)

Por essa transcrição, vislumbra-se a afinidade entre a tese de Ronald de Carvalho e a de José Vasconcelos, ou vice-versa. Também, identificamos no Brasil uma geração de intelectuais (não no sentido biológico ou de idade), que comungavam a tese da tristeza ou melancolia brasileira, como presente em *A formação moderna do Brasil* (1923) e *História da música brasileira* (1926) de Renato Almeida, e *Retrato do Brasil* (1928) de Paulo Prado, como também na obra de Ronald de Carvalho e nas conferências e artigos acima citados.

A publicização das idéias do autor de *Toda América* (1926), com mais de uma década de atraso, demonstra o apreço que a editoria do SPA (Ribeiro Couto ou Renato Almeida) devotava ao poeta morto precocemente. Por isso, a publicação do artigo de Rômulo Zabala, que foi prólogo à edição argentina da *Pequena história da literatura brasileira*, que saiu pela *Biblioteca de Autores Brasileños*, com tradução de Júlio Payró.

Visando a aproximação continental, alguns artigos apontam para a dificuldade da execução dessa empreitada face às diferenças culturais da região, que se evidenciam na formação cultural com a pluralidade linguística e étnica, na cultura política e na formação social dos países. Destacam-se os artigos: *A América espanhola e sua originalidade*, do dominicano Pedro Henríquez-Ureña (chamado erroneamente no suplemento de Pedro Henríquez-Areña), *Conceitos históricos da América brasileira*, comunicação de Gilberto Freyre no III Congresso Internacional de Catedráticos de Literatura Ibero-Americana, em setembro de 1942, além do texto de Alfonso Reyes sob o título *A forma do idioma: fronteira linguística*.

O artigo de Freyre retoma o mito das três raças de Martius, que se encontra em *Como se deve escrever a história do Brasil?* (1843), para explicar a síntese da formação luso-afro-americana. No afã de pensar o povo brasileiro, o sociólogo de Apipucos mostrou que “ao mesmo tempo [somos] um dos povos mais democráticos da América, no que se refere às relações entre as raças, e um dos mais aristocráticos no gosto e nas

maneiras – pelo que sobrevive nele da experiência monárquica” (FREYRE, 1944, p. 169). Daí o povo ser ao mesmo tempo, “um dos mais apegados ao passado e um dos mais extraeuropeus; um dos mais telúricos e um dos mais oceânicos – traindo, às vezes, a América pela África ou os sertões pelo litoral; um dos mais confraternizantes com seus vizinhos da América indo-hispânica, ou antes da América inteira” (FREYRE, 1944, p. 169).

O sociólogo pernambucano, como um arguto intérprete do Brasil, chamou a atenção para a formação social e a configuração geográfica, que parecem fazer do país uma “ilha enorme”. Mas ressaltou que uma ilha fosse também um continente: a América Portuguesa, mostrando a importância da geografia para o desenvolvimento de conceitos históricos, tendo em vista que “A geografia é personagem importante no drama histórico no Brasil” (FREYRE, 1944, p. 169), ao qual se pode atribuir, com mais de um sentido, à indecisão do personagem Hamlet de Shakespeare, “to be or not to be”:

Ser ou não ser ilha na América. Ser ou não ser nova Europa. Pois da oposição geográfica do Brasil resultou, por algum tempo, uma indecisão de destino que se reflete sobre sua história e hoje sobre o *ethos* de seu povo e a política dos seus estadistas. (FREYRE, 1944, p. 169).

Com o intento de explicar a “alma brasileira”, Freyre mostrou que “cedo a geografia agiu sobre a história”, o que facilitou “a larga interpenetração de culturas humanas ao lado da de raças”. Além da geografia para explicar o Brasil, também poderia ser aplicada uma análise sociológica para aclarar a originalidade brasileira. O analista defendeu ardorosamente a mestiçagem étnica e cultural do povo brasileiro, mostrando, assim, que a vitalidade da cultura brasileira está no campo artístico, sendo

natural que essa riqueza de contradições se projete na literatura e na arte brasileiras, tornando-as também contraditórias nos seus motivos e nas suas tendências, na sua espontaneidade e até libertinagem de estilo ou de linguagem que uma vigilante tradição de gosto, acadêmico na sua essência, raramente deixa que degenere em extravagância, bizzarria ou simplismo. É o exemplo da pintura de Cícero Dias, em quem encontramos um primitivista, um infantilista, um africanista na expressão: é, entretanto, sob a aparência de artista sem arte, ingênuo, popular, simples, um introspectivo sutil e aristocrático do seu passado de brasileiro do norte, cheio de memórias de quatro séculos de casas grandes e de senzalas. (FREYRE, 1944, p. 169)

Freyre demonstrou, ao longo dessa conferência, que a síntese das três raças levaria a que no “Brasil se desenvolvesse uma nação corajosamente mestiça”. Por isso, o papel que atribuiu a José Bonifácio de Andrada, o qual foi “uma espécie de Jefferson brasileiro, que ao sentido democrático de vida reunisse o aristocrático, e que fosse também um Benjamin Franklin, pela combinação de espírito de cientista com o de estadista” (FREYRE, 1944, p. 169). Para o sociólogo, foi a complexidade da personalidade e a riqueza de aptidões de José Bonifácio que alçou o Brasil colonial à condição de nação americana e democrática.

Já o artigo do dominicano Pedro Henríquez-Ureña (1884-1946), mostrou que a originalidade da América hispânica está na riqueza da sua cultura, graças à contribuição indígena. Mas o autor pergunta: “As nações da nossa América, mesmo as de maior população e território, não alcançam apesar disso, uma importância política e econômica suficiente para que o mundo tenha curiosidade de saber qual é o espírito que as anima, qual é sua personalidade real” (HENRÍQUEZ-UREÑA, 1942, p. 37). A resposta encontra-se ao longo do texto, no qual aponta que:

Na zona de cultura europeia da América espanhola falta uma riqueza de solo e ambiente como a que alimenta as criações arcaicas da cultura indígena. A nossa América se exprimirá plenamente em formas modernas, quando houver entre nós certa densidade de cultura moderna. E quando tivermos aprendido a conservar a memória dos esforços do passado, dando-lhe solidez de tradição. (HENRÍQUEZ-UREÑA, 1942, p. 37).

Henríquez-Ureña mostrou que a riqueza da produção cultural da América hispânica está no barroco, com obras de arquitetura religiosa da magnitude da igreja de Tasco, do convento de Tepozotlán e de Santa Rosa de Querétaro. Além dos murais mexicanos de Rivera e Orozco, da música e da dança, com *el cachupino*, *la gayumba*, *el zarandillo* e *la chacona*, da literatura desde o período colonial, com Garcilaso de La Vega “*El Inca*” e Sórora Juana Inés de la Cruz, até a geração que produziu uma literatura nacional, com Sarmiento, Montalvo, Martí, Hostos, Rodó, Andrés Bello, entre outros. O escritor dominicano assinalou que a originalidade cultural do continente face às suas importantes manifestações no campo intelectual (artístico e literário), algumas vezes fez o caminho inverso do colonialismo, da América para a Espanha.

O diálogo cultural é de difícil execução face às diferenças linguísticas, geográficas, políticas, econômicas e culturais existentes no continente. Alguns artigos

mostraram as causas das barreiras de integração continental, como o do diplomata e escritor mexicano Alfonso Reyes, com *A forma do idioma: fronteira linguística*, no qual teceu considerações filológicas sobre a questão da língua. O escritor mexicano indicou as diferenças de significado de palavras do português para o espanhol e acentuou que “são muitos os perigos das aproximações”, como também do castelhano falado no México para o falado na Argentina. Ao final, apontou uma solução simplista para derrubar a barreira linguística entre os falantes da língua castelhana e da portuguesa: caberia ao Departamento de Turismo entregar ao viajante uma lista de palavras portuguesas iguais às castelhanas, mas que em português têm outro significado. Nos casos de significações indiscretas, dever-se-ia colocar uma cruzinha vermelha, como para o nome hispano-americano do mamão papaya (REYES, 1942, p. 68).

O *Pensamento da América* se mostrou preocupado com a barreira da língua, por isso, publicou outros artigos que discutiram o problema, como *O idioma que falam os argentinos*, de Ezequiel Martínez Estrada, e da redação, *O ensino obrigatório do idioma espanhol no Brasil*.

Considerações Finais

O estudo do suplemento *Pensamento da América* permitiu vislumbrar um fluxo de intelectuais, ideias, movimentos e linguagens artísticas e políticas dentro do mundo cultural ibero-americano e desse com o estadunidense. Também, permitiu ressaltar a importância das redes de sociabilidade intelectual, ainda que instauradas apenas por via epistolar, no âmbito da editoria do suplemento. Nesse sentido, a figura de seu primeiro editor, Ribeiro Couto, se destacou como promotor e divulgador do diálogo com o campo intelectual hispano-americano.

A pesquisa tem evidenciado que o diálogo cultural entre os países da região se iniciou na década de 1920, especialmente em alguns periódicos brasileiros que visavam difundir o ibero ou latinoamericanismo, como *América Latina: Revista de Arte e Pensamento* e *América Brasileira; Resenha da Actividade Nacional, Terra de Sol; Revista de Arte e Pensamento*, entre muitos outros, principalmente a partir da divulgação da literatura (poesia e prosa), das artes visuais (pintura, desenho, caricatura, fotografia e arquitetura), bem como do incentivo às trocas simbólicas entre as Américas hispanófono e lusófono, como apontam os estudos de Emir Rodríguez Monegal

(RODRIGUEZ-MONEGAL, 1978), Patrícia Artundo (ARTUNDO, 2004) e Raúl Antelo (ANTELO, 1986). Esses periódicos, tal como posteriormente o SPA, despertaram um clamor para uma aproximação entre “as correntes intelectuais entre os povos deste lado do Atlântico” (REDAÇÃO, 1942, p. 77).

Evidentemente, seguindo o escopo de muitas publicações culturais anteriores, a publicação aqui analisada privilegiadamente adotou uma posição extemporânea aos seus congêneres da década de 1920, quando emergem na América Latina, no bojo do nacionalismo e do modernismo, discussões sobre a *argentinidad*, a *peruanidad*, a brasilidade, entre outros. Distinguiu-se, ainda, das demais por apresentar uma proposta de difusão da cultura americana para um público mais amplo, especialmente de clássicos do pensamento social e político, com abrangente apresentação de poesias de inflexão simbolista, de compilações de tradições populares, de cenas *costumbristas*, entre outros. De forma mais latente, entretanto, a atenção recai sobre a aposta editorial na reprodução de discussões que tinham passado do tempo de maturação (século XIX e início do XX) e eram novamente veiculadas a fim de atender a novas demandas.

Além disso, o SPA, com seu forte teor nacionalista, apresentou epígrafes de personalidades como Edgard Roquette-Pinto, Ronald de Carvalho, Graça Aranha, Getúlio Vargas, Alberto Torres e Couto de Magalhães, que vislumbravam resolver os problemas brasileiros com soluções nacionais, incluindo a equação raça e nação, além de apresentar teses, autores, livros, poesias, cancionero e imagens que mostravam a pluralidade de movimentos artísticos e de correntes de intelectuais, sem esbarrar nos limites impostos pelo governo autoritário, ainda que tenha publicado textos e obras de autores que fugiam a certas expectativas estadonovistas. Nesses aspectos apontados, residem os dilemas de um suplemento cultural criado e desenvolvido sob a égide do Estado Novo e abrigado por um jornal porta-voz do regime.

Fontes consultadas

Suplemento *Pensamento da America*. Jornal *A Manhã*: Rio de Janeiro, 1941-1948. Material microfilmado da Coleção Plínio Doyle. Arquivo Laboratório de História e Arte (LABHARTE/CFH/UFSC). Florianópolis (SC).

BUNGE, Carlos. O gaúcho. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 22 mar. 1942.

FRANK, Waldo. Rumos para a América. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 26 jul. 1942.

FREYRE, Gilberto. Conceitos históricos da América brasileira. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 26 nov. 1944.

LANGE, Francisco Curt. Falhas nas relações musicais interamericanas. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 24 dez. 1944.

MALLEA, Eduardo. Paixão da América. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 21 jun. 1942.

ORTIZ, Fernando. A cubanidade e os negros. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 27 set. 1942.

REDAÇÃO. A serviço da compreensão continental. In: *Suplemento Pensamento da America*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 22 mar. 1942.

REDAÇÃO. Consciência de uma unidade americana. In: *Suplemento Pensamento da America*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 19 abr. 1942.

REYES, Alfonso. A forma do idioma: fronteira linguística. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 22 mar. 1942.

SILVA VALDÉS, Fernán. Parábola do gaúcho. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 25 fev. 1945.

UREÑA, Pedro Henriquez. A América espanhola e sua originalidade. In: *Pensamento da América*, Rio de Janeiro, *A Manhã*, 19 abr. 1942.

VICTOR, Nestor. Os “poemas e sonetos” de Ronald de Carvalho. In: *América Latina: Revista de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, t. 1, n. 2, p. 139 -147, set. 1919.

Fundação Casa de Rui Barbosa - Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) – Rio de Janeiro (RJ).

Carta de Alfonso Reyes para Ribeiro Couto, Rio de Janeiro, 07 jul. 1932.

RC/Correspondência Pessoal.

Carta de Cassiano Ricardo para Rui Ribeiro Couto, Paris, 23 out. 1953.

RC/Correspondência Pessoal.

Carta de Cassiano Ricardo para Rui Ribeiro Couto, s/l., 05 jan. 1960.

FCRB/AMLB/RC cp.

Carta de Renato Almeida para Rui Ribeiro Couto, Rio de Janeiro, s/l, s/d.

RC/Correspondência Pessoal.

Carta de Ribeiro Couto para Alfonso Reyes, Marselha, 07 mar. 1931.

RC/Correspondência Pessoal.

REDAÇÃO. *O Suplemento Literário de "A Manhã" será um espelho da inteligência brasileira.* 31 jul. 1941. Arquivo Jorge de LIMA/Publicação na imprensa. JL j 13-77a.

Referências Bibliográficas

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: _____. (Org.). *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: SENAC, 2003.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010.
- AGARB, J. (Org.). *Os mais belos contos hispano-americanos*. Tradução de Frederico dos Reis Coutinho, Manuel R. da Silva, Enéias Marzano e José Dauster. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1946.
- ALMEIDA, Renato. *A formação moderna do Brasil*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, 1923.
- ALTAMIRANO, Carlos. A América Latina no espelho argentino. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Oito visões da América Latina*. São Paulo: Ed. SENAC, 2006. p. 147-176.
- ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá* (Mário de Andrade lê os hispano-americanos). São Paulo; Brasília: Ed. HUCITEC; Minc; INL, 1986.
- ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2004.
- BANDEIRA, Manuel. *Literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti – Editores, 1949.
- BOAVENTURA, Maria Eugênia da Gama Alves. *Movimento brasileiro: contribuição ao estudo do modernismo*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 1ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CARVALHO, Ronald. Bases da nacionalidade brasileira. In: CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). *À margem da história da República*. Brasília: Ed. da UNB/Câmara dos Deputados, 1981. (A primeira edição é de 1924). P.?
- _____. *Imagens do México*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1930.
- COUTO, Rui Ribeiro. *Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960.

- FERRARI, Américo. Introdução. In: VALLEJO, César. *Obra poética completa*. Madrid: Alianza Editorial, 1989. p.?
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1999.
- HARDMAN, Francisco Foot. Posfácio: O fantasma da nacionalidade. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo ou civilização e barbárie*. Tradução e Notas Sérgio Alcides. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 457-480.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Corpo e alma do Brasil: Ensaio de Psicologia Social. In: *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/RIOARTE/Fundação Rio, n. 6, p. 32-42, 1987.
- JOZEF, Bella. *História da Literatura hispano-americana*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Francisco Alves, 2005.
- KARNAL, Leandro. O Brasil e a América Latina denegada. In: *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 28, jul/dez. 2000.
- LE GOFF, Jacques. Documento-Monumento. In: ROMANO, Rugiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*: v. 1 – Memória-História. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.
- LINS, Vera. *Ribeiro Couto, uma questão de olhar*. Rio de Janeiro: FCRB, 1997. (Papéis Avulsos, 30).
- MARIZ, Vasco (org.). *Ribeiro Couto: no seu centenário*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998.
- MEDINA, Mario Olivo. En torno a la historia de Repertorio Americano. In: CRESPO, REGINA. *Revistas em América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México: CIALC/Eón Editores, 2010. p. 63-87.
- MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, poetas & heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- NOVAES, Adriana Carvalho. *O canto de Perséfone: o grupo Sur e a cultura de massa argentina (1956-1961)*. São Paulo: Annablume, 2006.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha para Oeste*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. v. II.
- _____. *Viagem no tempo e no espaço*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

- RODRIGUEZ-MONEGAL, Emir. *Mário de Andrade/Borges: um diálogo dos anos 20*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978. (Coleção Elos, 27).
- SILVA, Paulo Renato da. *Victoria Ocampo e Intelectuais de “Sur”*: cultura e política na Argentina (1931-1955). Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em História) - IFCH/UNICAMP.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ; Editora FGV, 1996. p. 231-269.
- SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Tradução Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- TEIXEIRA, Milton. *Ribeiro Couto ainda ausente*. São Paulo: Editora do Editor, 1982.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VELLOSO, Mônica. A literatura como espelho da nação. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Ed. Vértice, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.